APOLLONIA ROMANA E SUA *VILLA MARITIMA*

Raquel Rech

ABSTRACT

This article intends to present a general context about Apollonia during the Roman period under the light of the written sources and the archaeological works carried out on the site up to now. In a second moment, we will focus our paper on the specific subject of the Roman *villa maritima* found in the recent years in the site, with the contribution of two seasons of the Brazilian team of APOLLONIA PROJECT.

RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma contextualização sobre Apollonia durante o período de ocupação romana à luz das fontes escritas e dos trabalhos arqueológicos executados no sítio até o presente. Em um segundo momento centralizaremos o nosso foco especificamente na *villa maritima* romana encontrada nos recentes anos, com a contribuição de duas missões de escavação da equipe brasileira do PROJETO APOLLONIA.

APOLLONIA ROMANA

Apollonia é mencionada pela primeira vez por Flávio Josefo como uma cidade costeira ocupada por Alexandre Janeu (*Antiquitates Judaicae* XIII, 15, 4) e que foi reconstruída pelo procônsul Aulo Gabínio em 57 a.C. (*Bellum Judaicum* I, 8, 4). Também é mencionada por Plínio (*Historia Naturalis* V, 13, 69) e pelo geógrafo Ptolomeu (*Geographia* V, 15, 2). Na *Tabula Peutingeriana*, mapa baseado em dados da segunda metade do séc. II d.C., Apollonia aparece ao lado dos limites da estrada que vai de Cesaréia até Iafó, numa distância assinalada de 22 milhas entre Apollonia e Cesarea (Weber, 1976).

Raquel Rech é Arqueóloga do Projeto Apollonia e Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo MAE-USP.

A identificação de Apollonia nestas fontes como uma cidade importa na identificação de seu status jurídico e político, com consequências sobre sua conformação urbanística.

A cidade não cunhou moedas,¹ mas sabe-se que o governo romano preocupou-se com sua existência e com seu desenvolvimento como cidade greco-romana, o que se reflete na sua reconstrução por Gabínio.

A diversidade dos achados desvelados nas escavações referentes ao período romano comprovam as ligações comerciais desta florescente cidade a sua importância como porto. Utensílios trazidos da Itália e do Norte da África, refletem em Apollonia, a exemplo de muitas outras cidades em Israel, o grande florescimento ocorrido durante o período Severiano (Smallwood: 1976, 487-506).

ESTRUTURAS REFERENTES AO PERÍODO ROMANO ENCONTRADAS EM APOLLONIA

Os principais vestígios arquitetônicos referentes ao período de ocupação romana em Apollonia descobertos até o presente concentram-se na parte Sul do sítio e tratam-se de estruturas construídas com pedras talhadas de *kurkar*:²

a) vestígios de um porto romano-bizantino. Na praia pode-se distinguir vestígios submersos sob a água e de muros e nichos com sinais de talhamento nitidamente visíveis nas falésias de *kurkar* em frente ao mar. Tratam-se de vestígios de edificações relacionados ao ancoradouro natural que permitiam que as atividades de carregamento e descarregamento se dessem em condições mais cômodas. Desta forma, podemos considerar Apollonia como uma cidade portuária já no início do período romano. (Grossman, 1995 e 1997).³

b) vestígios de um edifício de grandes proporções na denominada área "E", nas proximidades da descida para o ancoradouro, fato que aponta para a importância crescente das atividades marítimas do local. Após uma série de 9 missões de escavações,⁴ a hipótese mais plausível a que os arqueólogos chegaram - inter cruzando uma série de fatores - é de que trata-se de uma *villa maritima* romana, datada dos séc. I a III d.C. (Rech, 1999 e Roll e Tal, 1999).

É sobre o estudo dessa *villa maritima* que nos ateremos mais detalhadamente na segunda parte deste artigo.

ARTEFATOS REFERENTES AO PERÍODO ROMANO ENCONTRADOS EM APOLLONIA

Os artefatos arqueológicos do período romano encontrados até o momento em Apollonia são ainda relativamente poucos – tendo em vista a pequena percentagem já escavada do sítio – porém variados por sua natureza, compreendendo artefatos encontrados ocasionalmente ou através de escavação terrestre ou intervenção subaquática.

Os artefatos referentes ao período romano encontrados no sítio incluem fragmentos de lamparinas herodianas, romanas e samaritanas⁵, utensílios do tipo *terra sigillata* importadas da Itália típicas no séc. I d.C., e *African red sleep ware*, importada do Norte da África muito utilizadas até o séc. III d.C. Também uma série de outros artefatos cerâmicos foram encontrados, incluindo panelas, tigelas, ânforas locais e importadas, *oinochoes* e jarros zoomórficos.

Dezenas de moedas referentes ao período romano também já foram descobertas no sítio, destacamos aqui 13 moedas deste período já analisadas que foram escavadas nas missões de 1998 e 1999 pela equipe brasileiro-israelense na *villa marítima*: 2 *denarii* de prata de Vespasiano; 1 *antoninianus* de bronze de Probus; 1 moeda de bronze de Constantino, o Grande; 1 moeda de bronze de Licínio; 1 moeda de bronze de Constâncio II; 1 moeda de bronze de Leo I. Também foram encontradas 6 moedas cunhadas nas cidades da Palestina romana (*city coins*), cunhadas em Aélia Capitolina, Ne'polis e Cesaréia Marítima: 1 moeda de bronze de Antonino Pio; 1 *dupondius* de bronze de Marco Aurélio e seu filho Cômodo; 1 sers-tésio de Antonino Pio; 2 moedas de bronze representam Faustina Junior, esposa de Marco Aurélio; e 1 moeda de bronze de Caracalla⁶

No séc. XIX foi descoberta, por acaso, em Apollonia uma escultura de um gavião, esculpida em mármore e partida em duas partes. A escultura tem 64 cm. de altura, e falta-lhe a parte inferior e o bico. Encontra-se atualmente no Museu Arqueológico de Istambul (Clermont-Ganneau, 1882: 134, n° 121, pl.2: A-B; Mendel, 1914: 434-435, n° 657). O gavião possui um olhar frontal, asas rentes ao corpo e pende sobre seu peito um medalhão dentro do qual está o monograma do Imperador Juliano (361-363 d.C.): IOYËIANOÓ. Este Imperador foi deificado no Oriente e identificado com um dos grandes deuses sírios, do qual a águia era um atributo expressando seu caráter divino e celestial. No período romano tardio, este tipo de expressão era bastante difundido, e dele há muitos equivalentes (Donceel-Voûte, 1983: 115-121, Roll e Ayalon, 1989: 46-48 e Roll and Tal, 1999: 21-22).

Foi também descoberta uma cabeça humana em mármore com aproximadamente 10 cm., aparentemente datada do séc II a III d.C.

Escavações evidenciaram que a área Norte e Nordeste da cidade de Apollonia era usada como um cemitério durante os períodos romano e bizantino (Tal, 1995).

Quanto aos achados epigráficos do período romano do sítio, existem duas lápides sepulcrais, contendo inscrições em grego.

A primeira lápide encontra-se atualmente sob a curadoria do Museu de Israel, em Jerusalém. Mede 94 x 45,5 cm., e é adornada com uma moldura retangular esculpida, onde se encontra uma inscrição em grego e sobre ela um relevo de um triângulo e de um acrotério, e no centro do triângulo uma rosa. O texto da inscrição é o seguinte:

*Zoila aqui
Descansa.
Com trinta
anos. Ama –
seu marido.
[falecida no ano] 233
26 [do mes] Apellaius.
Coragem.*

Segundo a contagem de Gabínio (57 a.C.), em cuja época Apollonia foi reedificada, a data da inscrição corresponderia ao ano 176 d.C (*Inscrições Contam*, 1972: 262; Roll e Ayalon, 1989: 48-49 e Roll e Tal, 1999: 23-24).

Um lintel de pedra calcária de uma tumba, de 110 cm. de largura, cujo paradeiro atualmente não é sabido, pertence também a este período. A inscrição correspondia a:

*O único Deus vivo. Babas
O (filho) de Maximus neto de Cosmos
Fez o sepulcro
A Marcellina Justina.*

Provavelmente trata-se de uma inscrição fixada no batente superior da edificação de uma sepultura. O nome “Babas” era comumente utilizado entre os samaritanos e leva a pensar tratar-se de uma inscrição samaritana (Roll e Ayalon, 1989: 48, Roll e Tal, 1999: 22-23).

Também foi encontrado um ostrakon com inscrição em grego, gra-

vada dos dois lados, medindo 4,5 x 3 cm. O nome de uma mulher aparece de um lado e do outro, um pedido. A inscrição em grego é:

Frente: MarousI

Verso: K(úria) k(alé)/oste /ou doul (outai)

Lê-se: *Marousi, bela senhora, não faça de mim um escravo.*

Este *ostrakon* data do período romano do séc. IV d.C.. Trata-se da reivindicação, aceita no mundo greco-romano, de um homem à sua amada, para que esta atenda ao seu flerte. A fórmula mostra a forte conexão com a tradição erótica grega e serve como indicador que Apollonia foi fortemente helenizada na Antiguidade Tardia (Schwabe, 1955: 19, Roll e Ayalon, 1989: 50, Roll e Tal, 1999: 25).

Quanto às jóias relativas ao período romano encontradas no sítio, destacam-se 2 anéis samaritanos:

No ano de 1961 foi encontrado ao acaso na superfície do sítio um anel de bronze de formato octogonal com inscrições samaritanas em cada uma de suas oito faces dispostas em duas linhas e não formando palavras coerentes entre si (Reich, 1989: 269-271, Roll e Tal, 1999: 25).

Um anel de sinete com filigrana de ouro datado do período romano tardio foi encontrado durante a oitava sessão de escavação no sítio, em 1991 (Wexler e Gilboa, 1994: 288-291).

Quanto aos achados subaquáticos, merece destaque um estatueta de bronze da deusa romana Minerva, de cerca de 30cm, encontrada durante prospecção subaquática no porto romano-bizantino do sítio (Grosman, 1993). Também foram encontradas por meio de uma série de prospecções subaquáticas um grande número de âncoras de vários tipos, pesos de sondagem, vasos e pregos feitos de bronze, uma faixa de chumbo com inscrições latinas e um vaso de mármore. A cerâmica (ânforas, jarros e *pithoi*) encontrada no ancoradouro inclui além de fragmentos do período romano, também fragmentos dos períodos persa, helenístico e bizantino. Pedras de construção do porto romano-bizantino, bem como colunas de mármore e granito ainda são visíveis sob a água. (Roll e Tal, 1999: 42)

No tocante à vida espiritual e à arte em Apollonia no período romano, a informação que temos é reduzida para se poder apresentar um quadro concreto. A partir de alguns pontos isolados, como o conteúdo do *ostrakon* grego, as lápides tumulares, a escultura da águia quebrada, pode-se concluir que a principal corrente cultural do mundo greco-romano estava bastante enraizada na população politeísta da cidade. Por

outro lado, o conteúdo das duas pedras sepulcrais, o anel e a cabeça de homem de mármore apontam para o fato de que também a concepção de mundo cultural e provincial, em sua forma local, estava bem arraigada nos habitantes de Apollonia, a exemplo da realidade conhecida em outras cidades de Israel⁷ (Roll e Ayalon, 1989: 51).

Apollonia não é lembrada na Mishná e nem tampouco no Talmude, e na verdade não há dados concretos acerca da existência de uma comunidade judaica significativa nesta cidade.

No entanto, em vista da existência de fortes comunidades judaicas em Iafó e em Cesaréia, não há dúvida que em Apollonia morassem judeus.

O achado de muitas lamparinas samaritanas e a provável origem samaritana da inscrição tumular de Babas comprovam que esta comunidade de Apollonia fortaleceu-se no período romano. Este processo acentuou-se no período bizantino, e fortaleceu as ligações da cidade com a retaguarda samaritana do Sul de Sharon e da montanha da Samaria, a exemplo da situação de Cesaréia (Roll e Ayalon, 1989: 51).

Também a presença de cerâmica importada da Itália e do Norte da África, juntamente com os vestígios arquitetônicos de uma *villa maritima* e de uma atividade portuária romana atestam a importância de Apollonia naquele período.

Villa Maritima

Vestígios de um edifício de grandes proporções foi escavado na denominada área “E”, nas proximidades da descida para o ancoradouro da cidade⁸. Após uma série de 9 missões de escavações – 2 das quais com a participação da equipe brasileira do PROJETO APOLLONIA⁹ – a hipótese mais plausível a que os arqueólogos chegaram, após intercruciar uma série de dados arqueológicos e geográficos, é de que trata-se de uma *villa maritima* romana, datada dos séc. I a III d.C. (Rech, 1999 e Roll e Tal, 1999).

Trata-se de uma estrutura construída numa área inclinada, cavado dentro da rocha de *kurkar* natural. Desta forma suas paredes serviam também como paredes de sustentação para o declive do terreno, principalmente nas suas extremidades Leste e Sul, abrigando prováveis salas subterrâneas.

Seu piso e suas paredes eram bem rebocados utilizando a técnica romana de construção denominada, *opus incertum*, – cuja principal finalidade era a de auxiliar na impermeabilização das paredes. O reboco,

constituído de cal e de pó de mármore, misturado com *amurca* (borra de azeite) ainda é visível em algumas paredes. O solo do edifício apresenta vestígios ainda remanescentes do contra-piso de cimento.

Os achados na edificação permitem relacionar sua destruição ao terremoto dos anos 113/114 d.C., quando Cesaréia, entre outras, também foi atingida (Russel, 1985: 37-60; Roll e Ayalon, 1989: 38-43).

Os vestígios indicam que mais tarde a edificação foi reconstruída, seus pisos foram refeitos num nível mais alto, sobre as pedras do desmoronamento da fase anterior, sendo as portas bloqueadas com preenchimento de pedras de construção, o que reflete uma reorganização espacial.

Figura 1. Vestígios da *villa maritima* de Apollonia.

Devido a mais um desmoronamento de suas paredes, a edificação foi, por fim, abandonada. O local, que ficava às margens do sítio e mais baixo que seus arredores, transformou-se num fosso de lixo, no qual atiravam, entre outros, utensílios de cerâmica descartados. A grande parte dos achados do maior agrupamento estratigráfico de cerâmica, cuja altura é de aproximadamente três metros, data dos séc. I-II e III d.C. A construção da edificação é datada, segundo os achados encontrados no pavi-

mento de sua primeira fase de ocupação, do final do séc. I ou ao início do séc. II d.C.

Os artefatos encontrados junto a essas estruturas constituem-se principalmente de jarros, panelas, tigelas e muitas lamparinas romanas do tipo “lamparina redonda com disco decorado”, as quais tinham o disco central decorados por imagens e cenas de fauna, flora e mitologia greco-romana, muito típicas no Oriente Romano durante os séc. I a III d.C.¹⁰ (Rosenthal e Sivan, 1978: 85-90 e Wexler e Gilboa, 1996: 115, 126-127).

Também foram encontrados utensílios cerâmicos do tipo *terra sigillata* (nos extratos da primeira fase de ocupação); outros trazidos da África do Norte, do tipo *African Red Slip Ware*, datados da metade do séc. II e da primeira metade do séc. III d.C. (Hayes, 1972: 200-203); jarros; *oinokoes*, utensílios zoomórficos de estilo naturalista na forma de carneiro, galo e touro. Paralelos foram encontrados em Dor (Stern, 1982).

Dezenas de moedas referentes ao período romano também já foram descobertas no sítio, destacamos aqui 13 moedas deste período já analisadas que foram escavadas nas missões de 1998 e 1999 pela equipe brasileiro-israelense na *villa marítima* de Apollonia: 2 *denarii* de prata de Vespasiano (69-79 d.C.), cunhados em Roma; 1 *antoninianus* de bronze de Probus (276-282 d.C.)¹¹; 1 moeda de bronze de Constantino, o Grande (308-337 d.C.), cunhada em Roma, durante a primeira parte de seu reinado; 1 moeda de bronze de Licínio (307-324 d.C.); 1 moeda de bronze de Constâncio II (337-361 d.C.), cunhada em Antioquia, em cujo reverso um estandarte legionário é representado entre dois legionários; 1 moeda de bronze de Leo I (457-474 d.C.), cujo símbolo do Imperador, um leão, é visível em seu reverso.

Figura 2. *Denarii* de prata de Vespasiano; disco decorado de lamparina; e lamparina romana com disco quebrado; encontrados durante as escavações da *villa marítima* de Apollonia.

Também foram encontradas 6 moedas cunhadas nas cidades da Palestina romana (*city coins*), 2 foram cunhadas em Aélia Capitolina (Jerusalém): 1 moeda de bronze de Antonino Pio (138-161 d.C.) e 1 *dupondius* de bronze de Marco Aurélio e seu filho Cômodo (161-180 d.C.); 3 outras moedas foram cunhadas em Neápolis: 1 serstésio de Antonino Pio representando o Monte Gerizim e as outras 2 moedas de bronze representam Faustina Junior, esposa de Marco Aurélio (161-180 d.C.), datadas entre os anos 159-60 e 161-2 d.C. A última moeda deste grupo trata-se de 1 moeda de bronze de Caracalla (211-217 d.C.), cunhada em Cesaréia Marítima.¹²

Quanto à sua constituição arquitetônica – só desvelada plenamente nas últimas duas missões de escavações – foi possível identificar neste edifício além de um corredor com nichos, já evidenciado anteriormente, um pátio central peristilado. Isso permitiu que os arqueólogos pudessem identificar esta estrutura como uma típica *villa* romana do ‘tipo com peristilo’. Adicionando o fato de que a fachada Oeste do edifício contempla o mar, parece claro que se trata de uma *villa marítima*.

Antes desta hipótese ser levantada, a questão de este edifício poder ter sido ou um *horreum*, armazém portuário, ou um *macellum*, mercado, em suas diferentes fases de ocupação também foi levantada – devido à similaridade de elementos arquitetônicos, artefatos arqueológicos e a proximidade ao mar que são igualmente verificados nestes edifícios (Rech, 1999).

Quanto à sua localização, o edifício situava-se quase no topo de uma colina a 26,20 m acima do nível do mar, e acima de um pequeno desfiladeiro que provavelmente servia como o principal acesso ao ancoradouro. Para construir a casa, foi preciso talhar até 3 m de profundidade no *kurkar* na sua extremidade Leste e nivelada no sentido Oeste formando um nível plano para a construção da edificação com as dimensões de 22 x 24 m.

A *villa* foi construída seguindo a orientação dos 4 pontos cardeais, uma prática comum ao urbanismo greco-romano.

O pátio central contém um estilóbata peristilado e um canal passava por baixo deste drenando a água para o sentido Oeste, indicando que o pátio era aberto.

Ao Sul do pátio, ficava um corredor comprido que cruzava todo o edifício de Leste a Oeste. A entrada da *villa* certamente estava localizada na extremidade Oeste deste corredor, mas não foi preservada. Na parte superior de duas paredes da extremidade Leste do corredor havia dois nichos, os *lararia*, típicos nas residências italianas para abri-

gar estatuetas de seus deuses protetores. Três outros pequenos corredores circundavam os outros lados do pátio peristilado. Os 4 corredores e as salas interconectadas entre si certamente foram cobertos. As paredes da *villa* foram bem construída, com pedras de construção feitas de *kurkar* e acabadas com cimento cinza – típico do período romano. Já na extremidade Leste, o reboco foi colocado sobre a rocha talhada. No lado Oeste as paredes estão faltando, devido a seu colapso e queda no desfiladeiro adjacente.

Apenas poucos artefatos puderam ser conectados com a fase inicial da *villa* e apontam para o final do séc. I d.C. Parece que o período de duração desta fase foi bastante curto. Esta estrutura apresenta uma influência arquitetônica ocidental e tal *villa* peristilada pode ter pertencido a um rico marcador estrangeiro, ou talvez, a um magnata local romanizado (Roll e Tal, 1999: 49).

Na sua segunda fase de ocupação, uma significativa mudança ocorreu na estrutura e na função do edifício. As entradas de várias salas foram intencionalmente bloqueadas, tornando-as unidades independentes. Muitos dos artefatos desta fase tardia são jarros e ânforas de armazenamento, alguns encontrados *in situ* no canto de uma das salas da extremidade Leste que provavelmente eram subterrâneas. Isto parece indicar que muitas das salas foram transformadas em salas de armazenamento na sua segunda fase de ocupação.

O complexo sofreu uma súbita e violenta destruição a qual foi aparentemente causada por um devastador terremoto. As pedras caídas aparecem em praticamente todas as salas. A extremidade Norte desabou alinhada para o Sul e muitas de suas pedras estão ainda preservadas na posição que colapsaram. Nas salas da extremidade Leste, o colapso foi aparentemente severo, isto é indicado pelo grande número de pedras caídas bem como pelo grande número de cerâmica fragmentada. Esta cerâmica, e particularmente as lamparinas, datam do final do séc. I e início do séc. II d.C. Neste período, um forte terremoto foi registrado, ocorrido entre 113 ou 114 d.C. o qual também teve um desastroso impacto na costa da Planície de Sharon, onde localiza-se Apollonia.

Roll e Ayalon (1999: 50), consideram lógico assumir que a destruição da *villa* foi causada por este terremoto, não sendo mais reconstruída. Devido ao fato de estar parcialmente subterrânea, num nível mais baixo do que a área a seu redor, as ruínas tornaram-se um fosso de lixo. O material descartado ali incluía cerâmica mais tardia, aparentemente jogada dos edifícios adjacentes mais acima.¹³

Figura 4 - desmoronamento da parede Norte (a); pátio central peristilado (b); corredor Leste-Oeste (c); nichos na extremidade Leste do corredor (d); portas bloqueadas (e); canal de drenagem de água (f).

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AS *VILLAE* NO MEDITERRÂNEO ORIENTAL

A hipótese sobre a *villa maritima* é considerada a mais plausível entre os pesquisadores do edifício romano escavado em Apollonia, e por isso necessita de uma investigação ainda mais aprofundada.

Embora algumas pesquisas já tenham sido feitas sobre as residências romanas na Palestina, percebemos a carência de estudos mais aprofundados sobre este assunto. Este fato nos encoraja a aprofundar este tema a fim de se criar um quadro referencial para o estudo das *villae* romanas na Província Palestina, bem como suas inserções e adaptações no ambiente local.¹⁴

Em levantamento bibliográfico, constatamos a preocupação de diferentes autores pela demanda de novas pesquisas sobre os poucos estudos já realizados sobre essa questão referentes à Palestina:

(...) O pequeno número de casas peristiladas atesta uma influência limitada da tradição arquitetônica helenístico-romana na Palestina, ao menos na construção privada. (Hirschfeld, 1995:86).

Existe um registro impressionantemente reduzido sobre residências nos tempos grego e romano. (...) o número de casas romanas e villae escavadas e adequadamente publicadas é surpreendentemente pequeno, dada a proximidade da Grécia à Itália e às províncias orientais, e às condições razoavelmente boas para a agricultura. Um estudo sério sobre os vestígios da superfície é desesperadamente necessário juntamente com uma cuidadosa compilação e exame dos achados anteriores. (Mckay, 1998: 211-212).

Devido à lacuna de informações arqueológicas e bibliográficas sobre as *villae* no mundo romano oriental para compararmos com o edifício de Apollonia, recorreremos a alguns estudos clássicos realizados sobre as *villae* romanas dos quais podemos extrair uma terminologia completa desse tipo de construção, além de informações que possam servir de paralelos para o nosso estudo de caso de Apollonia.

Percival (1976:15) salienta o quão complicado é lidar com a questão do estudo das *villae* no mundo romano. Segundo ele, definir a palavra *villa* para o período de ocupação imperial romana é um exercício um tanto difícil, tendo em vista a complexidade e multiplicidade de formas e funções que o termo acolhe para o longo desta época. A intenção de definir termos é sempre muito boa, embora no caso do estudo sobre as *villae* romanas, estes são sempre prefaciados por uma tentativa de definição do termo *villa* dentro de parâmetros tão acadêmicos que chegam a ser uma definição geral hermética (Percival, 1987:527). Este autor coloca em dúvida se os romanos poderiam ter concordado com essa definição, uma vez que esta palavra não é técnica ou legal e parece ter variado de alguma maneira em seu uso por diferentes povos e em diferentes épocas. Na prática, isto causa uma certa dificuldade de definição. Não basta apenas rotular estruturas como *villae*, mas tentar fazer um estudo sério sobre seu significado.

A questão de como a palavra romana *villa* era empregada em residências de uma escala mais inferior também é salientada por Percival que pondera que o grau de sofisticação necessário para rotular um edifício de *villa* é em certa medida uma questão de opinião pessoal. É importante salientar também que a influência romana não necessariamente implica em luxo: a palavra não tinha esta conotação em latim como tem em contextos mais modernos (Percival, 1987:528).

De acordo com Percival (1987:527), essencialmente uma *villa* é um lugar privado para se morar. O termo não é o mais apropriado para uma casa na cidade, para o qual a palavra normal seria *aedes*, embora possa

ser usado para uma casa 'suburbana', a qual localizava-se estritamente fora de uma cidade mas fazia parte da mesma em todos os sentidos.

Na grande maioria dos casos uma *villa* era uma fazenda, muitas apresentam não apenas sinais de atividades produtoras agrícolas, mas também de operações industriais (como manufatura em grande escala de artefatos de cerâmica, por exemplo), sendo ambas importantes fontes de riqueza.

Em termos de tamanho, a parte residencial de uma *villa* (sem falar da extensão agrícola e/ou industrial) pode ser pequena como uma fazenda, chegando até a dimensões palacianas.

É possível discernir dentro de uma dada área padrões e preferências locais (Percival, 1987:529). Às vezes são apenas estilísticos, indicando um pouco mais do que uma influência dos construtores e artesãos locais, mas quando afetam tamanho e design geral das *villae*, então é justificável procurar explicações mais fundamentais, tais como padrões locais de ocupação de terra ou a influência dos métodos tradicionais de cultivo (Percival, 1987:529-530). Em alguns casos uma interpretação histórica sugere isso por si só, tais como a análise do assentamento de soldados veteranos em lotes de terras em suas aposentadorias, ou o encorajamento do desenvolvimento em grande escala em novas áreas por ricos investidores.

A diversidade de padrões locais e as grandes variações de edifícios que estes originaram, torna difícil uma generalização. No entanto, é possível identificar alguns tipos mais comuns de *villae*, ocorridos em cada província.

Os edifícios mais elaborados, assim como os protótipos mais simples nas províncias, são diferentes dos tipos padrões nas províncias, para os quais não parecem servir de modelo. Uma exceção é a '*villa* com peristilo', a qual é por si só um dos modelos mais típicos nas províncias: existem exemplos muitos numerosos em algumas delas evidenciando uma importação mais do que parte integral das culturas locais (Percival, 1987:536-537).

Como reflexo óbvio da Romanização, o aparecimento e desenvolvimento de *villae* numa dada região é um indicativo do alastramento das instituições romanas e seu estilo de vida, da relativa estabilidade econômica e das condições sociais pacíficas que isso implica.

Na província Palestina, onde as condições econômico-sociais favoráveis foram alcançadas em concomitância com a opressão de sublevações do povo local frente a Romanização nos séculos I e II d.C., a *villa* emergiu numa forma reconhecível já no período Augusto e Júlio-Claudiano.

Ao definir a tipologia das *villae*, Ackerman (1990:287) nota que desde o início do gênero de literatura das *villae*, a ambigüidade sobre o termo referindo-se à propriedade, aos edifícios da propriedade, ou apenas à residência, é uma constante. Na antiguidade, a residência do proprietário era chamada de *villa urbana* para distinguir dos edifícios rurais, os quais eram chamados de *villa rustica*.

Também Smith (1997:11) aponta para o problema de o quê é uma *villa* e o que significa o seu nome, reclamando que não existe uma completa coerência do termo diante de tantos significados que recebe em diferentes locais e épocas.

O francês Xavier Lafon, em sua recente obra sobre *villae maritimae* toma cuidado em evitar qualquer definição prévia à respeito de *villae* romanas que possa vir a se tornar ‘mais perigosa do que útil’ e invoca dois obstáculos para tal: a possibilidade de existir uma evolução do conceito através do tempo em detrimento de uma permanência contínua do termo; e que a imprecisão e ambigüidade tão ampla do termo pudessem ser intencional entre os romanos para servir de propósito para a ampliação do status social de seus possuidores (Lafon, 2001:10-11).

Guarinello (1993:27) aponta para a grande diversificação dos edifícios rurais, que passaram a assumir funções sociais cada vez mais complexas, não apenas habitacionais ou produtivas, mas de representação político-social e de ostentação de riquezas.

A flexibilidade da utilização do termo *villa*, pelos arqueólogos também é alertada por Ellis (2002), este autor salienta que o balanço entre propósitos agrícolas e de lazer pode fazer os arqueólogos classificarem um edifício ou como uma *villa* ou como uma fazenda e ressaltando que nem os romanos mesmos tinham uma definição muito precisa para a palavra *villa*:

Conforme McKay (1998), a definição romana de *villae* abarca uma diversidade de padrões e localizações, podendo ser rústica, suburbana, pseudo-urbana ou marítima. A palavra *villa*, embora seja mais relacionada como uma grande propriedade de campo, nem sempre apresentasse como tal, podendo designar apenas uma casa sem uma extensão rural, conhecida também por *domus*.

Este autor aborda que já Varrão, em finais da República, lamentava a tendência de se dar mais importância à porção residencial do que à porção agrícola das *villae*. Também a *Pax Romana* propiciou que os donos de propriedades se encorajassem a transferir o conforto das habitações das cidades e “a casa urbana com peristilo migrou com seus donos para o interior e para a área marítima.” (McKay, 1998:116).

McKay (*idem*) aponta dois tipos básicos de *villae maritimae*, que emergem do repertório conhecido deste subtipo:

- a) com peristilo;
- b) com pórtico.

As residências acrescidas de um pátio receberam uma variedade de denominações, incluindo “tipo pátio oriental”, ou “prédio com pátio aberto”.

Interessa-nos verificar aqui os elementos encontrados no edifício de Apollonia com as características básicas das *villae maritimae* que apresentam um pátio com peristilo.

Em Pompéia, por exemplo, cidade romana cuja área residencial sobreviveu bastante preservada através dos tempos, podemos encontrar uma vasta diversidade de *villae* contendo pátio central peristilado. Este sítio conforma-se num ótimo referencial comparativo deste tipo de construção para relacionarmos com a estrutura escavada em Apollonia.

Ao pesquisar as casas peristiladas na Palestina, Hirschfeld (1995) salienta que estas são um dos exemplos mais característicos da tradição greco-romana nesta região.

Este estilo é originário das técnicas de construção etruscas da Itália, e em sua forma inicial era uma casa com uma abertura retangular no alto do teto. Esta abertura permitia entrar luz e ar para os residentes, além de recolher água numa cisterna em seu interior. Seu desenvolvimento foi uma aparente adaptação ao clima relativamente frio da Itália central e meridional. O *atrium* (derivado da palavra latina *ater*, que significa “escuro”) servia como a sala principal. Quartos adicionais eram construídos eventualmente ao redor do *atrium*. Gradualmente se acrescentaram elementos secundários como o *tablinum*, *caenacula*, jardins, etc., mas a forma definitiva das habitações romanas se adotou com as inovações precedentes da Grécia. Este tipo é bastante conhecido pelas opulentas residências preservadas em Pompéia e arredores.¹⁵

A habitação corrente da época romana imperial¹⁶ abarcava elementos da arquitetura greco-romana repousando sobre o princípio da separação dos quartos de recepção e dos destinados à vida privada. A casa teria seu acesso pela parte romana, mediante uma entrada que conduzia diretamente ao *atrium*, em cujo redor se lançavam as alas e as habitações secundárias, como o *tablinum*; junto a este as *fauces* se comunicavam com a casa grega, destinada à vida familiar; seu centro era o peristilo, prolongado por um salão, o *oecus*, que comunicava-se com um jar-

dim ou diretamente com a rua. Essas casas continham também, além de terraços e salas para armazenamento de suprimentos, os *lararia*, nichos para abrigarem as estatuetas dos seus deuses protetores.

No século II a.C., uma mudança essencial ocorreu na arquitetura doméstica romana: a adição de um *peristylum* – um jardim interno cercado por colunas e salas¹⁷. Nos exemplares mais antigos deste tipo de residência, quatro colunas eram construídas ao redor do pátio interno (*tetrastylum atrium*). Mais tarde, o número de colunas foi aumentado até um pequeno peristilo ser formado (*corinthium atrium*).¹⁸ Foi esta casa peristilada desenvolvida na Grécia e Ásia Menor que tornou-se o modelo para a clássica casa romana construída por ricos cidadãos por todo o Império.

Obviamente, estes elementos são encontrados na maioria das *villae* romanas, mas a forma da disposição e a ausência de alguns elementos é também bastante recorrente. No caso da *villa* de Apollonia, por exemplo, o *atrium* inexistente.¹⁹

Procuramos, neste estudo, apenas ilustrar alguns elementos constitutivos de uma *villa* romana a título de podermos verificá-los, ou não, na estrutura escavada em Apollonia.

Por fim, a conjugação do rico potencial de informações que poderão ser obtidas através de uma análise mais profunda do entorno da área escavada juntamente com a análise do material cerâmico advindo desta estrutura e adjacências, nos propiciará ultrapassar os limites da presente pesquisa, atingindo não só as estruturas mas buscando atingir elementos sobre a sociedade de Apollonia nas suas mais diversas esferas.

NOTAS

1. Embora De Saulcy (1874: 110-111) tenha relacionado a cunhagem de duas moedas à Apollonia que ficava em Sharon, sua idéia não é aceita atualmente. Jones (1971: 280) considerou significativa esta ausência de cunhagem de Apollonia – e isto num grupo de estados em que cada cidade cunhava suas próprias moedas. Segundo ele, isto se deu ou por ter sido anexada a uma outra cidade; ou devido a uma medida política de Herodes, ele rebaixou o status de Apollonia reduzindo-a a uma toparquia, assim como fez com Jaffa, Yavne e Ashdod. Segundo Roll (1989: 50), estas hipóteses não têm suporte algum; tampouco explicam porque não se cunhavam moedas em Apollonia antes de Herodes e principalmente depois dele quando o local era lembrado quase que constantemente nas listas das cidades de Israel.
2. Duna de areia fossilizada, matéria prima para as construções naquela região geográfica.

3. Os trabalhos sobre a área portuária romana de Apollonia estão sob a responsabilidade da arqueóloga subaquática profa. Dra. Eva Grossman.
4. AP II 1980, AP III 1981, AP VII 1990, AP VIII 1991, AP IX 1992, AP X 1993, AP XII 1998 "A" (participação da equipe brasileira do *Projeto Apollonia*), AP XII "B" 1998, AP XIII 1999 "A" (participação da equipe brasileira do *Projeto Apollonia* na finalização da escavação da *villa marítima* romana).
5. das quais cerca de uma centena foram encontradas em Apollonia, dentre essas lamparinas samaritanas, destaca-se uma decorada com uma *menorah* comprovando assim a presença de comunidades monoteístas de samaritanos e judeus na cidade (Sussman, 1983).
6. Informações retiradas de um resumo elaborado em dezembro de 2001 pelos numismatas da Tel Aviv University, Ariel Kindler e Zvika Gur, intitulado *Apollonia - Area E - The numismatic survey*, relativo às moedas escavadas na *villa marítima* pelas missões conjuntas brasileiro-israelense de 1998 e 1999, (não publicado).
7. Sobre as correntes culturais greco-romanas e o provincianismo no espaço sírio-israelense e o intercâmbio dentre eles, ver: Roll, 1985: 262-268.
8. Fato que aponta para a importância crescente das atividades marítimas do local.
9. AP XII 1998 "A", em julho de 1998 e AP XIII 1999 "A", em agosto de 1999 (finalização da escavação na *villa*).
10. Na maioria das lamparinas os discos decorados apresentavam-se quebrados, o que suscitou diferentes interpretações: ou de terem sido intencionalmente quebradas por razões iconoclásticas das comunidades monoteístas de judeus e samaritanos; ou devido a um ritual de purificação da peça; ou devido à pressão exercida pelo peso da terra depois de soterradas (Sussman, 1983:71-72 e Wexler e Gilboa, 1996:127).
11. Esta moeda pertence ao grupo de moedas cunhadas por Imperadores soldados entre 260-285 d.C., período no qual a inflação crescia no Império e estes *antoniniani* valiam 1/20 de um *denarius* romano.
12. Informações retiradas de um resumo elaborado em dezembro de 2001 pelos numismatas da Tel Aviv University, Ariel Kindler e Zvika Gur, intitulado *Apollonia - Area E - The numismatic survey*, relativo às moedas escavadas na *villa marítima* pelas missões conjuntas brasileiro-israelense de 1998 e 1999, (não publicado).
13. Especulamos também a possibilidade de o desmoronamento das paredes deste edifício ter ocorrido durante o terremoto de 113-114 d.C., sendo reconstruído e novamente atingido pelo terremoto de maio de 363 d.C. (esta hipótese já foi levantada por Roll e Ayalon (1989: 38-43). Assim como diversos pesquisadores que baseiam seus estudos sobre documentos textuais antigos e evidências arqueológicas, Russel (1985), ao trabalhar com a questão da cronologia dos terremotos que abalaram a Palestina e Noroeste da Arábia entre os séc. II a VIII d.C., ressalta a complexidade da identificação dos mesmos nos regis-

tros arqueológicos. Tendo em vista que a tipologia do material cerâmico romano encontrado junto aos vestígios da estrutura escavada em Apollonia ser amplamente utilizada desde o séc. I ao IV d. C. – tais como as lamparinas redondas com disco decorado – isto nos dá uma margem muito ampla de tempo para relacionar ao abalo sísmico que veio a destruir este edifício. Quanto ao terremoto de maio de 363 d.C., Russel (1980) salienta que este foi registrado em numerosos textos antigos e que o relato mais extenso e acurado está numa carta do final do séc. IV ou início do séc. V, atribuída a Cirilo de Jerusalém. Esta carta foi pesquisada por Brock (1977) e num trecho da mesma encontram-se menções sobre cidades vizinhas de Apollonia: “(...) toda Antipatris e seu território; parte de Cesaréia, mais da metade de Samaria (...)” (Cirilo apud Brock, 1977:276). Se o colapso evidenciado na estrutura em questão estiver relacionado com este terremoto, este, por sua vez, estaria intimamente ligado com a passagem da cidade romana para a bizantina no sítio, questão que exige pesquisas posteriores mais aprofundadas.

14. Tema de nossa investigação de doutorado.
15. Encontramos também importantes trabalhos sobre a origem da casa romana em Böethius (1934), Lake (1937), Ward-Perkins (1977) e Robertson (1997).
16. Que melhor conhecemos, já que as residências mais pobres e precárias deixaram menos vestígios arqueológicos.
17. As discussões básicas relacionadas à casa greco-romana e são encontradas na obra de Daremberg e Saglio (1892), Graham (1966) e Grant (1971:111-138). Pesquisas sobre os aspectos sociais e estéticos da casa romana foram recentemente publicadas por Wallace-Hadrill (1988) e Clarke (1991). Encontramos também importantes informações sobre o desenvolvimento e difusão das casas romanas peristiladas no Império Romano nas obras de Ward-Perkins (1977) e de McKay (1988).
18. *Tetrastylum atrium* e *corinthyum atrium* são mencionados pelo arquiteto romano Vitruvius (*De Architectura* VI, III, 1-3) já no séc. I a.C.
19. Encontramos um importante estudo sobre a questão da ausência do *atrium* nas residências helenístico-romanas da Terra de Israel devido a fatores climáticos num artigo de Fisher, Potcher & Jacob, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, J. S. *The villa. Form and Ideology of Country Houses*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

BOËTHIUS, A. *The Golden House of Nero*. Ann Harbor: University of Michigan Press, 1960.

BROCK, S. P. “A Letter Attributed to Cyril of Jerusalem on the Rebuilding of the Temple”. *BSOAS* 40, 1977.

- CLARKE, J. R. *The Houses of Roman Italy. 100 B.C. - A.D. 250: Ritual, Space and Decoration*. Berkeley and Oxford, 1991.
- CLERMONT-GANNEAU, Ch. *Rapports sur une mission en Palestine et en Phénicie entreprise en 1881*. Paris, 1882.
- DAREMBERG, C. e SAGLIO, E. *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Hachette, 1892.
- DE SAULCY, F. *Numismatique de la Terre Sainte*. Paris, 1874: 110-111, Pl. VI: 1-2.
- DONCEEL-VOÛTE, P. "La pierre d'aigle et l'aigle au bijou". *Mosaïque*. Paris, 1983: 115-121.
- ELLIS, S. P. *Roman Housing*. London: Duckworth, 2000.
- FISCHER, M., POTCHER, O., JACOB, Y. "Dwelling houses in ancient Israel: methodological considerations". *JRA* 11 (Suppl. Series 18) 1998: 671-678.
- GRAHAM, J. W. "Origins and Interrelations of the Greek House and the Roman House". *Phoenix* XX, 1966: 3-30.
- GRANT, M. *Cities of Vesuvius: Pompeii and Herculaneum*, Harmondsworth, 1971.
- GROSSMAN, E. "The Bronze Figurine of the Goddess Minerva from Apollonia". *Tel Aviv* 23, 1993: 225-227.
- _____. *Maritime Investigation of Tel Michal and Apollonia Sites*. (Tese de Doutorado, Macquarie University). Sidney, 1995.
- _____. "Maritime Apollonia (Arsuf) and its Harbors". *The Mariner's Mirror* 83, 1997: 80-84.
- GUARINELLO, N. L. *Ruínas de uma paisagem. Arqueologia das casas de fazenda da Itália Antiga (VIII a.C. - II. D.C.)*. São Paulo, 1993 (Tese de Doutorado-USP)
- HAYES, J. W. *Late Roman Pottery*. London, 1972.
- HIRSCHFELD, Y. *The Palestinian Dwelling in the Roman - Byzantine Period*. Jerusalem: Franciscan Printing Press - Israel Exploration Society, 1995.
- Inscrições Contam*. Catálogo nº 100. Museu de Israel. Jerusalém, 1972 (em hebraico)
- JONES, A. H. M. *The Cities of the Eastern Roman Provinces*. Oxford, 1971.
- LAFON, X. *Villa Maritima*. Recherches sur les Villas Littorales de l'Italie Romaine (IIIe siècle av. J.-C./ IIIe siècle ap. J.-C.). Rome: École Française de Rome, 2001.
- LAKE, A. K. "The Origin of the Roman House", *AJA* 41, 1937: 598-601.
- McKAY, A. G. *Houses, Villas and Palaces in the Roman World*. Baltimore: Johns Hopkin, 1998.

- MENDEL, G. *Catalogue des sculptures grecques, romaines et Byzantines, Musées Impériaux Ottomans II*. Constantinople, 1914.
- PERCIVAL, J. *The Roman Villa*. London. Batsford, 1976.
- _____. "The Villa in Italy and the Provinces" in: WACHER, J. (ed.) *The Roman World II*. London and New York, 1987: 527-551.
- RECH, R. *A Missão Arqueológica AP XII 98 e sua Relação com a Constituição e Disciplinamento do Espaço Urbano de Apollonia*. (Dissertação de Mestrado, PUCRS). Porto Alegre, 1999.
- REICH, R. "Samaritan Ring From Apollonia". In: ROLL, I. and AYALON, E. *Apollonia and Southern Sharon: Model of a Coastal City and its Hinterland*. Tel Aviv, 1989: 269-271 (em hebraico).
- ROBERTSON, D. S. *Arquitetura Grega e Romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROLL, I. "Classicisme et provincialisme dans l'Orient méditerranéen à l'époque hellénistique et romaine. In : *Actes du XIIe Congrès International d'Archéologie Classique*. Athens, 1985: 262-268.
- ROLL, I. and AYALON, E. *Apollonia and Southern Sharon: Model of a Coastal City and its Hinterland*. Tel Aviv, 1989 (em hebraico, com resumo em inglês).
- ROLL, I and TAL, O. *Apollonia-Arsuf. Final Report of the Excavations I*. Tel Aviv, 1999.
- ROSENTHAL R. and SIVAN, R. "Ancient Lamps in the Schlossinger Collection". *QEDEM* 8, 1978: 85-90.
- RUSSEL, K. W. "The Earthquake of May 19, A.D. 363" *BASOR* 238, 1980.
- _____. "The Earthquake Chronology of Palestine and Northwest Arabia from the 2nd through the Mid-8th Century A.C." *BASOR* 260, 1985: 37-60.
- SCHWBE, M. "A Greek ostrakon from Apollonia" *Tarbiz* 24, 1955: 16-20 (em hebraico).
- SMALLWOOD, E. M. *The Jews Under Roman Rule*. Leiden: 1976.
- SMITH, J. T. *Roman Villas*. London and New York: Routledge, 1997.
- STERN, E. "Excavations at Tel Dor, 1981. Preliminary Report". *IEJ* 32, 1982: 107-117.
- SUSSMAN, V. "The Samaritan Oil Lamps from Apollonia-Arsuf". *Tel Aviv* 10, 1983: 71-96.
- TAL, O. "Roman-Byzantine Cemeteries and Tombs around Apollonia". *Tel Aviv* 22, 1995: 107-120.
- WALLACE-HADRILL, A. "The Social Structure of the Roman House", *PBSR*

56, 1988.

WARD-PERKINS, J. B. *Roman Architecture*, New York, 1977.

WEBER, E. (ed.) *Tabula Peutingeriana* (Codex Vindobonensis 324). Graz, 1976.

WEXLER, L. and GILBOA, G. "A Signet ring from the Apollonia-Arsuf excavations". *Tel Aviv* 21, 1994: 288-291.

_____. "Oil Lamps of the Roman Period from Apollonia-Arsuf". *Tel Aviv* 23, 1996: 115-131.